



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NADJARA SANTOS DE ANDRADE BARBOSA**

**(entrevista)**

**Salvador, BA**

**2019**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em abril de 2019, em Salvador (BA). Da esquerda para a direita: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima e Nadjara Santos de Andrade Barbosa.

**Projeto:** Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Número da entrevista:** E-911

**Nome do/a entrevistada:** Nadjara Santos de Andrade Barbosa.

**Local da entrevista:** Salvador (BA).

**Entrevistadora:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Data da entrevista:** 05/04/2019.

**Transcrição:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Copidesque:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Pesquisa de termos:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Revisão Final:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 01 hora, 21 minutos e 04 segundos.

**Páginas Digitadas:** 31.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: BARBOSA, Nadjara Santos de Andrade. Entrevista concedida por Nadjara Santos de Andrade Barbosa ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SALVADOR (BA), 05 abr. 2019, 34p.

## SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Bahiana e Confederação); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Salvador (BA), 05 de abril de 2019. Entrevista com Nadjara Santos de Andrade Barbosa (N.B.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Boa noite!

N.B. – Boa noite!

M.L. – Qual o teu nome completo?

N.B. – Nadjara Santos de Andrade Barbosa.

M.L. – Data de nascimento?

N.B. – 27 de setembro de 1983.

M.L. – Nasceu onde?

N.B. – Salvador, Bahia.

M.L. – Escolaridade?

N.B. – Graduada em Educação Física. Licenciatura.

M.L. – Nadjara, gostaria que você me contasse como foi a sua infância e sua relação com o esporte.

N.B. – Bem... Eu tenho dois irmãos mais velhos que eu e morei numa casa que era numa avenida onde noventa por cento eram meninos. Eu não tinha muita opção para brincar, pois eram só três meninas e os doze meninos. E aí eu aprendi [riso] a jogar bola, a brincar com os meninos de tudo que eles brincavam e cresci né, cresci batendo a pelada como chamavam na época. Hoje os meninos... E fui, levei prá escola, continue jogando, fui

desenvolvendo. Na escola passei a fazer parte do time que tinha de meninas e aí fui chegando à adolescência e eu continuei no baba<sup>1</sup> e aí oficializou um time. A professora contratada conseguiu montar realmente uma equipe prá fazer um treinamento bem bacana e aí eu, quando concluí o ginásio, que fui pro segundo grau, conheci o universo do futsal fora da escola. Conheci clubes, né? Fui jogar no Face, joguei no Bahia e aos meus vinte anos eu desisti, parei, por conta de trabalho e várias outras coisas.

M.L. – E nessa infância, além de você brincar com as brincadeiras masculinas, como você as definiu, havia outra brincadeira que te atraía, além da prática esportiva ou das brincadeiras masculinas, como você disse anteriormente?

N.B. – Eu tinha duas primas, né, que a gente brincava de boneca. A gente brincava de tudo, inclusive meninos também brincavam de boneca [riso], porque não tinha como... Era todo mundo junto, então tinha brincadeiras de meninas, brincadeiras de meninos, que se tornavam uma brincadeira só, sem gênero. Todo mundo brincava de tudo.

M.L. – E quando é que você realmente se envolve com o esporte?

N.B. – Quando eu me envolvo com o esporte? Quando minhas primas já não queriam mais brincar de brincadeira com os meninos [riso] e eu continuava, pois eu gostava. *Bola?* Sabe... Tinha aquela coisa, aquele tesão por bola. Eu gostava daquilo. E entrei realmente quando eu fui pro ginásio porque passei a fazer Educação Física na escola e tinha uma professora que incentivava o esporte. Ela gostava, ela jogava futsal e via amadurecendo a ideia e até que criou... Eu consegui entrar realmente no mundo do esporte quando eu fui pro ginásio. Antes disso era só brincadeira mesmo em casa num espaço que a gente tinha no quintal enorme, né, então não tinha como não jogar a pelada<sup>2</sup> [risos].

M.L. – E como a tua família encara esse seu envolvimento com o esporte já mais institucionalizado?

---

<sup>1</sup> Expressão popular para designar uma partida de futebol não oficial.

<sup>2</sup> Expressão popular para designar uma partida de futebol não oficial.

N.B. – É... Eu fui criada por minha vó, que sempre me apoiou em tudo. Graças a Deus tudo que eu pensei em fazer, eu conversava em casa e minha vó sempre apoiava. No início, chegou um tio até comentar: “Ah, mas futebol é prá menino!” e eu lembro que minha vó disse prá ele: “Futebol não é prá menino. Futebol é prá quem quiser jogar! Não tem isso. Se ela gosta disso, se ela gosta, ela pode fazer, não tem por quê...”

M.L. – Tua vó tinha quantos anos, nessa época?

N.B. – Nessa época eu acredito que minha vó tinha uns cinquenta e dois, cinquenta e quatro, por aí.

M.L. – Tu lembrarias o ano desse seu início no esporte?

N.B. – Meu início no esporte, Dôra [riso]... acredito... Pêra aí que eu vou fazer minha conta [risos]. Eu acho que noventa e quatro, noventa e três, noventa e quatro por aí. Foi a época em que eu realmente entrei para o esporte.

M.L. – E essa definição que sua vó deu de esporte é uma definição fantástica, né?

N.B. – *Com certeza!* Com certeza porque assim... Sempre houve, né, o preconceito de: “Ah, menina não pode brincar de bola. Menina não pode empinar arraia”. Eu empinei horrores [risos]. Brinquei de fura pé, gude, entendeu? E eu tinha que brincar, então minha vó não separava meninas dos meninos. Era brincar todo mundo junto, de tudo. Não tinha essa questão de meu irmão não poder pegar na minha boneca porque ele era menino. Era todo mundo brincando de boneca, de casinha. Não tinha isso. Era todo mundo, todo mundo junto.

M.L. – E quando é que o futsal começa a fazer parte da sua vida?

N.B. – O futsal começa a fazer parte da minha vida em noventa e seis, noventa e sete, por aí. Foi quando uma professora realmente criou um time, sentou com todas as meninas, pois todas sabiam jogar bola, né? Não entendiam regra, mas chutar bola, dominar, fazer gol, todo mundo sabia. E ela já entendia. A professora já entendia de regras, já dominava e aí

sentou com a gente e disse: “Poxa, vamos montar um time! Vamos participar de competições!” E a gente tinha uma vivência muito bacana nas aulas dela. Ela sempre, vinte minutos ao término da aula, ela sempre botava um babinha com as meninas e aí levou esse projeto a frente. Apresentou a diretora e a diretora aceitou, né? Aceitou e a gente criou realmente um time de futsal. A gente começou e ela começou a colocar a gente em competições e a gente tomou amor, né, porque você poder competir, participar de um esporte... Competir é algo que eu não sei, eu não sei nem lhe explicar, sabe? A emoção é algo, é algo inexplicável, um sentimento assim, inexplicável, e a garra que você cria prá enfrentar... Porque nós sabemos que competir sempre dá aquele medinho, aquele friozinho na barriga e ali é o momento de você encarar, entendeu? Você tem que encarar, você tem que ir prá cima e mostrar o que você aprendeu, o que você sabe.

M.L. – Você lembra o nome dessa professora?

N.B. – Sim. Rita de Cássia Beanes.

M.L. – Seria a pessoa que te mostrou esse fascínio que é o esporte competitivo.

N.B. – *Sim! Sim!* Exatamente.

M.L. – E essa equipe que vocês formaram, era só de meninas?

N.B. – Só meninas. Só meninas. Tinha um grupo dos meninos que já tinha um time, já tinha formação, mas as meninas não. As meninas não tinham, então ela criou. Tinha uma outra professora também que na época juntou com ela, Ana Zuleica, não lembro o sobrenome agora, e aí ficaram as duas. Ficaram as duas. A gente treinava três vezes na semana, das dezoito as vinte e uma, e precisava pai, mãe, ir lá assinar documento. Foi tudo dentro, dentro dos conformes, sabe, que a gente levou esse projeto. Até que eu concluí o segundo grau e aí tomei outros rumos. Continuei em outros times que eu conheci e encerrei minha carreira de jogadora, de atleta, aos vinte anos.

M.L. – E o fato desses treinamentos serem a noite, os pais não tinham alguma restrição?

N.B. – *Restrição? Não! Não!* Poderia até ter, mas por incrível que pareça, a confiança era muito grande nessa professora, sabe. Os pais entregavam os filhos. Sabiam do trabalho, da pessoa que Beanes era, né? Beanes é viva e tenho contato com ela até hoje. Sempre vou ao Duque de Caxias e encontro com ela. De vez em quando me liga. A gente até hoje, de vez em quando, marca um baba, tanta futsal como handebol. Também joguei handebol um bom tempo. Até hoje a gente tem o contato de muitas meninas também dessa época. Até hoje a gente mantém amizade, contato. Foi uma coisa que eu levei prá vida, né? Não ficou lá atrás não. A gente abraçou.

M.L. – E você acompanha algum esporte ou o próprio futsal de forma regular?

N.B. – Sim. Com certeza! Eu sempre que possível, à noite, eu sempre gravo, deixo gravando nos canais que passam a Liga Futsal prá poder assistir quando eu tiver um tempinho, quando eu tiver sem sono, tiver estudando. Eu sempre acompanho até mesmo prá gente se manter atualizado, né? Prá ver outras pessoas arbitrando, outras pessoas jogando.

M.L. – Você além de jogar futsal e handebol, jogou algum outro esporte?

N.B. – Ah, fiz tudo: basquete, vôlei [riso]. Tentei de tudo um bocadinho.

M.L. – Lembra quando foi isso, Nadjara?

N.B. – Na mesma época, Dôra. Vôlei e basquete eu comecei um pouquinho mais tarde, porque, na verdade, as meninas do futsal entraram prá poder fazer volume no time de vôlei e basquete, prá ver se o outro pessoal se interessava, porque a procura era baixa. A gente entrou prá fazer volume e a gente acaba conhecendo e gostando [riso] e aí eu fiquei um tempo também que eu joguei vôlei, joguei... Aprendi toda a técnica.

M.L. – E além dessa professora que tanto te marcou, que você mantém contato até hoje, existem outras professoras ou outros professores que te marcaram ao longo dessa trajetória como atleta que foi tão diversificada, tão enriquecedora?

N.B. – Ah!... Eu acho que a maioria dos professores da minha adolescência marcou demais, porque era outra fase, outra educação, sabe. Os professores... Alguns anos atrás, o que eu costumo dizer que foi outro dia isso [risos], os professores tinham um carinho *muito* grande com os alunos e os alunos tinham um respeito *fora do comum* para com os professores, entendeu? Então não existia aquilo de responder a professora, xingar, agredir. Isso nunca existiu. Outro dia. Isso nunca existiu! Então prá você ter ideia, duas vezes no mês, Beanes levava a gente prá casa dela. O time de futsal ia prá casa dela prá comer lasanha. Duas quintas no mês a gente passava à tarde lá. Depois a gente subia, pois ela morava perto da escola e subia prá poder treinar. Prá você ver o nível de confiança que Beanes tinha nos alunos e o respeito que a gente tinha, né? De deixar o menino dela... Às vezes, a babá faltava por qualquer coisa... Quando ela levava o menininho prá escola, ela não se preocupava não, porque quem tivesse em horário [riso], quem tivesse em horário vago tomava conta do menino. Prá você ver o grau de respeito, o grau de confiança que existia, entendeu? E aí tiveram vários outros professores que me ajudaram a formar opinião, a me formar. A formar o que eu sou hoje, tipo: professora Rosa, uma professora de Matemática muito adorada no Duque de Caxias; teve Lenice, de Química; tiveram tantos outros que marcaram; Cremilda. Eu tinha uma ligação tão forte com Cremilda, na época, que eu a chamava de minha mãe. Pra você entender, ela se tornou minha madrinha, me batizou [riso]. Já grande me batizou. Então ainda mantenho contato com esses professores.

M.L. – Mas a nível de prática esportiva?

N.B. – Rita Beanes e Ana Zuleica. Não tem, não têm outras, não.

M.L. – No nível de fundamental e médio também? Eram as mesmas professoras?

N.B. – Os mesmos porque assim... Da minha primeira a... Antes disso não lembro. Da minha primeira a quarta série, eu estudei numa escola pequena. Era uma escola evangélica e não tinha quadra, não tinha essa questão de Educação Física, de esporte. Não tinha nada disso. Era só mesmo o conteúdo, a matéria - Português, Matemática, Ciências... Era só isso. E do ginásio em diante foi que abriram-se as portas. Me apresentaram o universo esportivo [risos]: *super atrativo!*

M.L. – Como é que sua família vê seu envolvimento com esse mundo novo tão atraente e tão diversificado que é o esporte?

N.B. – Dôra, graças a Deus, minha família sempre me apoiou. E assim, como eu jogava um bocadinho bem [risos], dava pro gasto. Minha família adorava saber que as pessoas comentavam, sabe. De: “Poxa, Nadjara, joga muito. Você já viu Nadjara jogando?” Aquela coisa, então minha família, minhas tias também, *nossa!* Me apoiavam *demais, demais!*

M.L. – Te acompanhavam nesses jogos?

N.B. – Não acompanhavam, não. Não acompanhavam porque minhas tias trabalhavam e como eu tinha dois irmãos, tinham outros menores também que mainha criava – mainha é minha vó, tá? - então mainha não tinha tempo de acompanhar, mas ficava sabendo até porque mainha conhecia todas as professoras do Duque de Caxias. Todo mundo sabia tudo e passava prá mainha. Então não tinha aquele negócio de esconder, né? Foi uma época tão *bacana* que... [pensativa e emocionada]

M.L. – Saudades?

N.B. – “*Porra!*” *Muita!* [riso] Foi uma época tão bacana, Dôra, que não tinha esse negócio dos pais terem que ficar frequentando a escola prá saber como o menino tava, o que tava fazendo; não, porque não tinha esse negócio: “Ah! Tá fazendo coisa errada!” Era um ou outro bem distante. Quando se descobria, os professores já abraçavam para poder tiras, sabe. Era... Foi outra época.

M.L. – Fez muitos amigos e amigas nessa época?

N.B. – *Muitos! Muitos! Muitas!* Tenho amigas que a gente se encontra duas vezes, três vezes por mês. Eu a recebo na minha casa com muita frequência. Tenho pessoas que até hoje... Amizade de mais de vinte anos que permanece amizade. Com certeza!

M.L. – E aí você deixa de ser atleta... Quando é que você começa a arbitrar e por que esse início na arbitragem?

N.B. – Então... Eu deixei a fase de atleta porque, nessa época, eu já era noiva e o noivo ciomava, ciomava *demais*. Aí começou aquela questão de implicância, todo dia uma briga... Então eu passei a me cansar. Aquilo passou a me deixar sem forças, sabe, de ter que ir e quando voltasse encontrar e ia ter aquela briga, aquela coisa, aquela chateação... Eu fui esfriando. Eu fui esfriando. O corpo foi esfriando, porque a mente não. Já que eu vou deixar... Eu deixei e pensei: eu vou voltar, mas eu vou voltar por cima.

M.L. – Aí aparece a arbitragem?

N.B. – Aí eu fico um tempo afastada de tudo, realmente. Que foi logo depois que eu engravidei, aí parei estudo, parei tudo. Me dediquei dois anos só a minha filha, mantive o meu trabalho e tudo, mas fiquei porque não achava justo deixar a menina em casa com a vó e eu tá fazendo outras coisas. Aí quando Ágata, minha filha, cresceu um pouco mais, já conseguia de certa forma se manter melhor sozinha, não tinha mais aquela fase de choro, de nada, já compreendia alguma coisa, aí eu pensei na arbitragem. Por que eu pensei na arbitragem? Quando eu decidi parar, eu me lembro de um jogo que eu tava e que Ana Meire tava arbitrando e me chamou muita atenção esse jogo porque eu não tinha malícia, eu não batia, eu jogava, mas não sabia bater. Até que um dia eu jogando, não lembro quem foi o adversário, numa disputa de bola, a menina larga o cotovelo e parte minha boca. Ela largou mesmo na maldade e aí eu virei e falei com a árbitra, né: você não viu o que ela fez? A maldade dela? E ela me falou: “Não, não vi! A gente marca aquilo que a gente vê e infelizmente você tava encoberta. Tinham duas pessoas encobrindo o lance. Não tinha como ver, mas vou ficar de olho.” E a postura dela me chamou atenção, né, e aí eu disse: poxa! Como será ser árbitra? O que se deve? Como chegar a arbitragem? Aí eu fui procurar na internet. Quando eu procurei na internet, eu vi que tinha o curso e não exigia graduação, não exigia nada de... Exigia só que você tivesse o segundo grau completo. Aí eu fiquei pensando nisso. Deixei guardado na memória. No dia que eu decidi voltar, eu entrei na internet, vi que tinha o curso, tipo, daqui a um mês tem o curso e aí eu disse: pronto! Vou voltar pro esporte. Porque tá dentro, tá dentro de mim [riso], tá dentro de mim!

M.L. – Uma “cachaça” insubstituível...

N.B. – Exatamente! O que eu lembro... Outro dia eu tava comentando com um colega que no início, prá mim, da arbitragem, foi meio que sinistro porque ainda existia a atleta dentro de Nadjara. Então quando... No jogo em si, eu arbitrando, a bola vinha na minha direção, eu me posicionava como se eu fosse dominar a bola [riso] e por diversas vezes eu me peguei naquilo. Eu disse: Oxe! E aí eu me concentrava, sabe, e assim... Reencontrar as meninas com quem eu joguei, estando em outro papel... As meninas olharam e falaram: “É o quê? Mentira! Ninguém vai lhe respeitar!” e eu disse: vamos ver! E é completamente diferente [riso]. *Completamente!* As meninas que jogavam bola, hoje chegam: “Professora, tudo bom?” Dentro da quadra me tratam como árbitra; fora da quadra é outra coisa. Continuo a mesma, o mesmo coleguismo, a mesma amizade, o mesmo respeito, mas hoje eu sou vista como árbitra.

M.L. – E alguém te apoiou nessa decisão de tornar-se árbitra?

N.B. – Dôra, [pensativa] eu comentei, na época, com mãe, que eu iria tomar um outro rumo na minha vida porque eu já era casada e meu marido não aceitava. Ele é completamente ogo. Ele não aceita. Ele não gosta. Hoje se eu tenho um problema ou outro na minha relação, é a questão da arbitragem. Ele não gosta. Ele não me apóia de jeito maneira.

M.L. – E como você consegue fazer a junção da não aceitação de tua paixão, que é a arbitragem, com o seu casamento?

N.B. – Então... [pensativa] Ele não apóia, mas existe uma pessoa que me apóia e tem muito orgulho que é Ágata, minha filha. Ágata ama falar pros coleguinhas que “minha mãe é árbitra!”.

M.L. – Já lhe viu atuar?

N. B. – Já, já me viu. Entendeu?

M.L. – E aí, qual foi à fala dela?

N.B. – A primeira vez que ela viu, ela disse: “Nossa mãe, como todo mundo te respeita!” [risos]. E Ágata tem onze anos, mas tem uma cabeça muito boa, muito centrada. A gente conversa muito. Ela é muito, muito minha amiga, sabe. Muito minha amiga. Em relação à aceitação de meu esposo, é... Eu disse prá ele que ele precisava, como ser humano, compreender que não era qualquer pessoa que estava ali naquele papel não; que era a mulher dele e que foi uma escolha minha. Assim como eu aceito e apóio tudo que ele quer prá vida dele, ele teria que fazer o mesmo prá gente poder caminhar, que se não daria certo.

M.L. – E depois dessa conversa franca, a postura dele com relação a você e a sua escolha em ser árbitra mudou? Melhorou?

N.B. – Melhorou, né. Me disse que iria tentar, mas que ele não aceitava, mas por respeito, por eu respeitar o espaço dele... Até porque não dou opinião sobre o esporte dele. Ele ama jogar bola, né. Ama! Na época que eu deixei de jogar bola, ele deixou também prá me mostrar que ele não era dependente disso e eu disse prá ele: você pode até não ser dependente, mas você gosta. Pode voltar. Pode voltar porque a gente tem que fazer aquilo que a gente gosta. Hoje eu já não me vejo mais jogando, mas um dia eu vou voltar pro esporte. Ele voltou. Ele tá até hoje. Ele gosta, *gosta demais!* E assim... E eu apoio. Às vezes ele fala: “Eu não tô com vontade.” Aí eu falo: menino vai. É bom jogar bola. É bacana. Você esquece o mundo lá fora. Bota tudo de ruim prá fora. Você chuta a bola. Tá com raiva de alguém, chute a bola na parede! Bote prá fora! Hoje tá muito melhor, né. Hoje tá muito melhor. Hoje ele pode até não gostar, mas ele fica prá ele. Às vezes fica de cara feia. Eu não dou muito “ibope” não, porque sinceramente, é algo que eu escolhi, é algo que *eu vou seguir*. É algo que eu vou seguir.

M.L. – E quando você começou a arbitrar o futsal, como era esse futsal? Como é o futsal hoje? Há diferenças?

N.B. – Quando eu comecei... A gente começa no estágio e aí você tem tantas escalas. Você entra numa escala ou outra. Não pode ser jogos tão difíceis porque você tá ali aprendendo.

Você tá ali amadurecendo tudo aquilo que você aprendeu no curso. Prá quem já foi atleta não é tão difícil porque você já entende alguma coisa de regra. Você já tem uma pegada mais sensível da coisa e você consegue compreender melhor. Quando eu realmente concluí a fase de estágio, aí passei a arbitrar mais, né. A quantidade de jogos era maior. Com o tempo diminuiu. Foi uma questão mesmo de crise que teve. Uma questão de crise que teve, mas passou e hoje a gente tá num nível bem bacana de... Praticamente quase a semana toda, se eu der disponibilidade, se eu tiver disponibilidade, no mínimo, no mínimo eu apito quatro vezes por semana.

M.L. – Jogos masculinos ou femininos?

N.B. – Tudo! Até totó<sup>3</sup> eu tô apitando [risos]. Tô brincando!

M.L. – Nadjara, e as competições que você vai arbitrar de forma oficial, elas são mais masculinas ou femininas?

N.B. – Oficiais, Dôra, tudo; mas sessenta por cento é masculino.

M.L. – Outra coisa: o que te motivou a fazer o curso de arbitragem de futsal, já que você foi pro handebol, foi pro voleibol? Por que futsal?

N.B. – Oh! Eu fui pro handebol, fui pro voleibol, fui pro basquetebol, mas na verdade minha paixão sempre foi o futsal. Sempre foi o futsal! O handebol, eu entrei porque... Eu nunca gostei. Eu olhava assim: nossa! Futebol de mão? Que negócio estranho! E aí por eu gostar tanto dessa professora... Ela treinava o handebol e um dia ela ia fazer uma competição e tal e a goleira tinha ficado doente. Aí a que tava com a gente, nesse dia do treino, a Zuleica, disse prá ela: “Menina, Nadjara pega no gol. Faça um treino com Nadjara, aí. Pelo menos é um quebra-galho!” Aí ela me pediu: “Pô, me ajude e tal.” Lógico que eu ajudo! Me diga aí o que é que eu tenho que fazer. Como é isso? Ela me explicou e aí passou uns dois dias me explicando como é que tinha que fazer. Eu peguei gosto e aí não saí mais do handebol [riso]. Não saí mais, mas sempre deixei bem claro: eu tô no handebol, mas o handebol é minha segunda opção. Minha primeira opção é futsal. Eu sempre gostei

de futsal, porque é mais prático, é quadra, você se movimenta melhor. Joguei campo algumas vezes, mas nunca foi muito meu forte. Não foi muito meu forte, mas futsal tava no sangue.

M.L. – Qual foi seu principal fator impulsionador prá ser árbitra de futsal?

N.B. – O fato de ter sido atleta de futsal.

M.L. – E como foi o curso para você? Uma experiência nova, como é que foi?

N.B. – Foi um universo novo. Por mais que eu conhecesse a regra, que eu achava que conhecia... Todo mundo acha que conhece [risos]. Quando eu vim pro curso uma coisa que me chamou muita atenção, que me deixou muito feliz no curso, foi ter encontrado Paula; que Paula tinha jogado comigo, estudou comigo. Encontrei Paula e fiquei muito feliz porque percebi: poxa, que bacana! Eu não tô sozinha nesse desejo, nessa vontade, nesse sonho, né. Encontrei Paula e no curso, *menina*, um outro universo. Eu achava que eu sabia [riso], sabe? Eu achava que eu sabia a *ponto* de, em alguns babas, eu apitar. Apitava baba. Apitava sem curso, sem nada e me achava [riso]. Quando eu cheguei ao curso, outro universo. Muito detalhe que eu jamais iria imaginar. E aí quando você pára para fazer uma analogia, aí você lembra que sempre estive ali; você que nunca reparou, [silêncio], né? Porque a maioria dos atletas, eles não reparam no árbitro e sim no jogo, e sim no que ele acha que sabe de regra. Eles não reparam, então quando eu parei prá pensar, disse: nossa! Sempre estive ali! Aí me veio na memória alguns árbitros fazendo a sinalização de falta, da vantagem... E tudo isso foi um filme que passou e Gilson explicando. Gilson explicando pausadamente tudo sobre o curso, sobre as regras e foi um novo mundo para mim.

M.L. – Lembra quando foi isso?

N.B. – Quando foi? Em 2010.

M.L. – E onde foi?

---

<sup>3</sup> Denominação brasileira para o jogo de futebol de mesa.

N.B. – O curso que eu tomei já foi aqui pela Federação. Foi no Colégio Adventista, em Nazaré.

M.L. – Parte prática e parte teórica?

N.B. – Tudo lá. Foi tudo lá.

M.L. – Tinham muitas mulheres nessa turma?

N.B. – Três.

M.L. – E homens?

N.B. – Ah, noventa e cinco por cento [riso]. Tipo: se tinham trinta pessoas, tinham vinte e sete homens. Só tinham três meninas que foi eu, Ana Paula e Alane.

M.L. – As três continuam no mundo da arbitragem?

N.B. – Não. Alane deixou.

M.L. – Ela te falou o motivo da desistência?

N.B. – Falou. Ela disse que tinha acabado de passar no concurso pra Polícia Militar e que tava exigindo muito do tempo dela. Por conta disso, ela iria deixar e que talvez, num futuro próximo, ela voltasse. Um dia desses até encontrei com ela e disse: vamos! Ela: “Outro dia eu tava pensando. Vou pensar com mais carinho. De repente...” Vamos! Tua vaga tá garantida [riso]. Vamos! Porque ali também tava no sangue. Jogou também futsal. Tava no sangue e tinha tudo para ser uma árbitra de primeira linha.

M.L. – Você relatou anteriormente que antes de fazer o curso de arbitragem, você já arbitrava algumas partidas. Quando é que isso aconteceu?

N.B. – Na época que eu jogava, nos treinos, quando tinha coletivo, às vezes eu tava com cólica ou alguma coisa, não queria jogar, mas minha presença... Eu tinha que estar lá, aí o que é que eu fazia? Ah! Então eu vou apitar. Me dê que eu apito e todo mundo gostava quando eu apitava. “Ah! Deixa Nadjara apitar. Deixa Nadjara apitar!” E aí quando tinha competição também... Lembro que tinha Semana de Caxias. Era uma semana toda de esporte. Competições com todas as modalidades e aí chamavam os árbitros da Federação; foi quando eu tive o primeiro contato com árbitros federados. Depois que passava a Semana de Caxias, tinha uma semana que os professores faziam a Semana do Esporte da Escola, com todas as salas, torneio entre salas. E aí eu entrava para arbitrar [riso]. Como as meninas já entendiam alguma coisa de regra e tal, ou melhor dizendo, já entendiam regra - que a gente achava que entendia - aí Beanes pedia prá gente fazer esse trabalho de arbitragem. Era aí que eu entrava.

M.L. – Você abdicava de jogar para arbitrar?

N.B. – Sim.

M.L. – E qual era a sensação dessa abdição?

N.B. – Já era *gostoso* [riso]. Bem verdade que já era gostoso, porque ser árbitra é gostoso, né. É um desafio!

M.L. – Sabe precisar o ano dessa sua “arbitragem inicial”?

N.B. – Essa minha arbitragem inicial, Dôra, foi logo na minha sétima série, em 1998, 1999, por aí, nessa fase. Eu já fazia esse papel. E a primeira vez que eu fiz isso, que eu arbitrei um baba, eu senti uma sensação assim, sabe...[riso]. Eu acho que já era o destino me preparando [riso].

M.L. – Nadjara, você lembra quando e como foi o seu primeiro jogo como árbitra de futsal, árbitra da Federação?

N.B. – Da Federação... Lembro. Foi em novembro de 2010.

M.L. – E como foi? Em qual competição isso aconteceu?

N.B. – Foi na competição JOCOPAR<sup>4</sup>. Eu arbitrando jogo masculino mirim na quadra do Colégio Integral, na Pituba. Confesso que fiquei muito tensa porque tinha torcida, os pais. E os pais não são qualquer torcida [riso]. Eu lembro que fiquei muito, muito tensa, mas os colegas que estavam comigo me tranquilizaram bastante. Disse: “Fique tranquila. Você vai pôr em prática o que você aprendeu, o que você já sabe. Qualquer coisa me olhe que a gente tá junto aqui. Não tem um árbitro, são dois árbitros trabalhando o tempo todo”. E isso me deixou muito tranquila. A primeira pessoa com quem eu arbitrei foi César, Roberto César. Eu acho que é por isso que eu tenho um carinho tão especial por meu “mamute” [riso]. E ele me deixou, nossa!, muito, muito tranquila. E daí em diante, os meninos... Geralmente os árbitros abraçam os mais novos e, graças a Deus, eu fui muito bem abraçada. Muito bem, mas confesso que naquele dia foi *muito tenso* porque eu tava *muito travada, muito*, o que é normal, né. Estréia! Nem o som do apito saia direito [riso].

M.L. – E depois do jogo, como você definiria o teu estado?

N.B. – Depois do jogo... Se eu falar prá você que eu respirei aliviada... Eu não respirei aliviada não; eu ainda tava tensa com o feedback dos meninos. O que será que eles acharam? O que será que a torcida achou? Porque você... Você vai com o que você aprendeu. Você tá ali prá acertar e prá errar. Só que assim, você ainda não tá preparada para entender esse universo porque é tudo muito novo. Então é uma experiência única que todo mundo precisa passar. Todo mundo precisa desse medo, porque é através desse medo que você cria coragem de enfrentar: “Não, eu posso. Eu posso ser melhor do que hoje. Meu próximo jogo vai ser melhor. Eu vou melhorar. Eu vou prestar mais atenção. Eu vou me portar melhor.” E graças a Deus eu fui evoluindo, mas eu agradeço *muito, muito* de verdade aos colegas. Os colegas realmente me abraçaram.

M.L. – E aí se passou um tempo e vai Nadjara para sua primeira competição nacional. Como foi essa primeira competição nacional?

N.B. – Rapaz, [silêncio]. Eu fui tensa, mas confiante, porque nós temos um trabalho  *muito bom* aqui na Bahia. A Bahia tem  *muitos* árbitros bons. Então, o que é que acontece? A gente compreende muito a regra, a gente bota  *muito* em prática, a gente apita muito. Quando você apita muito, você apita de verdade. Você tem noção, você interpreta melhor. Quando eu fui para a minha primeira competição pela CBFS<sup>5</sup>, eu fui preocupada. Eu não sabia quem estaria lá.

M.L. – Foi onde?

N.B. – Em Natal.

M.L. – Qual competição?

N.B. – Foram Jogos Escolares, a etapa nacional. Eu não sabia o que eu iria encontrar lá, mas Gilson e Cristiano já tinham feito o trabalho do lado de cá me apresentando ao pessoal de lá de Natal, aos árbitros de Natal. Fui muito bem recepcionada, muito bem recepcionada e pensei. Respirei fundo e pensei: eu vim aqui mostrar o que eu faço na Bahia, como apitamos na Bahia. Depois do meu primeiro jogo, Ana Moraes, virou e disse assim: “Não seria diferente. Uma baiana que não apitasse  *muito!* Todas que vieram aqui eu tiro o chapéu porque vocês são  *muito boas!*”

M.L. – E a faixa etária?

N.B. – A faixa etária... Eu só apitei jogos da faixa etária de quinze a dezessete anos. Só dos maiores.

M.L. – Masculino ou feminino?

N.B. – Os dois. Eu digo que foram os jogos mais pegados, porque os meninos foram para realmente levar o primeiro lugar, levar a  *taça* e foram muito... Uma experiência muito bacana,  *muito*. Tinha time de todos os estados, sabe. Tinha um time indígena – eu nunca

---

<sup>4</sup> Jogos dos Colégios Particulares que acontecem em Salvador – BA.

<sup>5</sup> Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal.

tinha visto isso. Tinha um time, um feminino indígena. E aí você vê o nível de adolescentes, de atletas que existe por aí e que a gente não consegue perceber. De *escolas*. Meninos e meninas *muito* bons no que fazem.

M.L. – Quais foram os principais jogos que você já arbitrou até hoje? Você pode citar?

N.B. – Já arbitrei muitas finais de Baiano, Taça Metropolitana, Taça Verão, porque quando a gente chega ao nível nacional, é certo seu nome em finais. Uma das finais que me emocionou muito foi a do Baiano passado. Teve jogos das finais aqui e teve um técnico que me falou: “Ah, essa arbitragem aqui não é caseira não, né?” Eu disse: não entendi, professor. O que é arbitragem caseira? “A que puxa pro time da casa.” Eu virei prá ele e disse: deixa eu te falar uma coisa; eu faço jus ao meu escudo. Eu não tenho time, aliás, eu tenho um time. Meu time é a Federação. E outra coisa, não pense você que eu vim aqui para lhe dar resultado ou tirar seu resultado. Eu vim aqui apenas para administrar o jogo, porque o espetáculo é com vocês e não se preocupe em relação a isso e também não entendo e não quero saber os seus motivos. Não sei o que foi que você passou prá chegar a essa conclusão de que existe arbitragem caseira, mas tenha certeza que na Federação Bahiana e na Confederação, os jogos que eu estive, que eu fui, não existe isso.

M.L. – Eram jogos masculinos ou femininos nessas principais competições em que você já trabalhou?

N.B. – Masculinos. Masculinos. A maioria masculinos.

M.L. – Você acha que a condução da partida, por ser masculina e por ser feminina, ela é diferente?

N.B. – *É diferente! Com certeza! Com certeza!*

M.L. – Por quê?

N.B. – Porque veja bem... Você tem que ser árbitra de verdade e ter coragem, ter peito prá arbitrar uma final, uma semifinal, quartas de final masculino. Por quê? Os homens, eles já

te olham de uma forma diferente. “Mulher!” Ele pode não lhe falar, mas a feição do rosto dele lhe fala. Eu lhe digo isso porque eu tava numa final há duas semanas e quando eu entrei no vestiário para trazer o time, o time todo se assustou. Eu disse: boa noite! *Todos se assustaram!* Não conhecia o time e o time não me conhecia. Eu disse: algum problema? Eles: “Não! Não! Imagina.” E o técnico ficou com aquele sorrisinho solto, né. E aí eu pensei comigo: desdenha isso, com certeza! Mas eu tô aqui prá mostrar prá eles o que é arbitrar. Me apresentei, tirei o toss, fiz todo o padrão e fomos pro jogo. E a cada momento que eu passava pelo banco do time que se assustou, eu ouvia: “Professora, a senhora apita muito. *Nossa!* Eu nunca tinha visto uma mulher apitar assim. *Nossa!* Da onde foi que arrumaram essa árbitra?” Só elogios, né. Só elogios. Então é uma certa quebra de tabu, porque eles estão acostumados a só homens arbitrarem e acham que quando vê uma mulher, ela não sabe arbitrar.

M.L. – Quando chegou ao ginásio, você estava acompanhada por outros oficiais de arbitragem. Os que estavam com você, os demais, eram todos homens?

N.B. – Sim. Sim. Todos homens.

M.L. – Devem ter achado que você não iria prá quadra e sim prá mesa...

N.B. – *Exatamente!* Exatamente! [risos] No mínimo, né. No mínimo pensaram isso: “Não! Deve estar na mesa.” Ou tipo: “Será que ela vai apitar meu jogo?” Você percebe nas feições dos técnicos, dos atletas, né. Você percebe isso. Eu hoje, Dôra, eu consigo já não ficar mais com aquele friozinho. Hoje eu já vou naquela certeza de que eu vou fazer um bom jogo porque eu sei o que eu tô fazendo. Eu vou dar o melhor de mim prá ter a melhor interpretação do lance, sabe? Então eu criei essa confiança ao longo dos anos. Quando você faz um trabalho quase todos os dias de arbitragem, você passa a entender o universo feminino, masculino; tudo. E em relação ao feminino, por que é diferente do masculino? O masculino você apita, marca o que tem que ser marcado, sinaliza, os homens perguntam, lógico, vão prá cima de vez em quando, você fala, manda afastar, faz tudo direitinho e o jogo segue. O feminino é diferente. Se você faz a marcação e a menina entender que não foi aquilo, ela vai ficar o jogo todo remoendo aquilo ali [riso], toda hora passando por você. Remoendo: “Professora!” É completamente diferente, entendeu? É completamente

diferente porque... Eu acredito que na competição masculina a intenção é somente jogar e ganhar. “Deixa lá. O árbitro marcou tá marcado!” Eles não ficam questionando tanto se tá certo ou se tá errado. E já as meninas, reclamam um pouco mais, mas nada que você não se imponha e bote ordem. Nada que você não chegue: não! Você está errada! A interpretação é minha. Eu estava no lance, você não estava. Estava encoberta. Você controla, mas eu prefiro a postura dos homens na quadra.

M.L. – Você está me afirmando que é mais fácil arbitrar jogos masculinos do que jogos femininos?

N.B. – *Sim! Sim.* Te afirmo.

M.L. – E você já parou de arbitrar por algum tempo, depois que se iniciou na arbitragem?

N.B. – *Não! Não!* Não mesmo. Quando iniciei até hoje estou firme e forte.

M.L. – Não houve lesão ou nenhum motivo externo?

N.B. – Não! Não!

M.L. – Além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte?

N.B. – Não. Hoje eu já não tenho mais tempo de bater um babinha, a pelada. Hoje já não tenho mais tempo. Hoje eu já sigo outro padrão. Hoje eu faço musculação, faço pilates para manter a força, o desempenho, mas penso em voltar a jogar handebol. Tô tentada. Tem uma amiga minha que me liga quase toda segunda e quinta: “Ei, vai hoje? Vai hoje?” Confesso que eu tô tentada, mas a minha questão hoje é o tempo por causa da faculdade à noite.

M.L. – Você trabalha durante o dia com quê atividade?

N.B. – Eu sou coordenadora de uma empresa de pilates.

M.L. – E como é que fica essa organização do teu tempo para poder arbitrar, prá ser mãe, prá ser esposa, prá ser coordenadora de espaço de pilates...

N.B. – Menina, é tenso! [riso] Eu... Lá no pilates eu praticamente faço meu horário, porque assim, em relação a horas, eu não fico devendo nada a empresa porque se eu chego seis, eu saio quatro; se eu chego sete, saio cinco; se eu chego oito, saio seis. Eu faço o meu horário. Às vezes, no sábado, alguém falta, eu cubro, eu fico. Então a empresa me abraça. Quando eu preciso viajar, eu aviso com antecedência e a empresa aceita de boa. Me dá folga. Eu tenho uma relação muito bacana com a empresa. Aí vem a parte mãe. Que Ágata super compreende quando eu fico muito ausente. Ela sabe: “Mãe, tá pegada, né? Trabalho e jogo, mas fique tranquila porque eu tô em casa.” Ela *adora* ficar em casa. Sempre que eu tenho folga a gente sai, se diverte, mas ela compreende muito. Compreende também a questão de chegar muito tarde em casa por conta da faculdade. Ela sabe. Ela sempre me pergunta: “Mãe, como é estudar a noite? Como é a faculdade?” É a mesma coisa de escola, filha. Não muda nada [riso]. Não muda nada. Tem as mesmas resenhas de colega, de tudo. Ela: “Pô! Deve ser massa!” É muito bacana. E aí a gente vai se virando, Dôra. A gente vai se virando e sustentando porque é paixão. Você encontra forças onde você não sabe [riso] de onde que vem; uma força que vem prá poder seguir.

M.L. – São tantas identidades que você assume enquanto mulher...

N.B. – Exatamente!

M.L. – E você faz algum treinamento específico para a questão da arbitragem?

N.B. – Eu faço musculação para manter a força, o desempenho nas corridas. Às vezes eu paro, fico dois, três meses, mas sempre tem o pessoal – até porque eu trabalho dentro de uma academia, num espaço de pilates – não tenho prá onde fugir porque quando eu passo os meninos: “Ah! Rapaz, nunca mais! Seu treino!” Vou voltar. Não tem como fugir. Aí eu volto, mas o meu treino é direcionado para força, porque prá você manter jogos pegados, você precisa ter força para a corrida.

M.L. – Então você faz do exercício físico algo rotineiro, não apenas por você ser árbitra?

N.B. – Não, é rotina. É por conta da saúde mesmo.

M.L. – Faz cursos de atualização?

N.B. – Faço, inclusive vou até fazer um esse mês. Tem o daqui, né. O daqui e vou fazer um outro curso direcionado a futebol. Até prá gente comparar regras e tal. A gente precisa tá no universo; não tem prá onde correr.

M.L. – E essas atualizações acontecem com qual periodicidade?

N.B. – Geralmente eu procuro fazer a cada dois anos para não tomar muito do meu tempo porque como sempre é à noite e eu ainda tô estudando, o que é que acontece? Eu dou um espaçozinho de tempo prá poder não apertar demais a faculdade porque é do tipo de uma semana. É uma semana esse curso que eu vou fazer. Vai ser uma semana que eu vou faltar.

M.L. – E em nível de Federação, qual é a periodicidade dessa atualização com relação à arbitragem?

N.B. – Anual.

M.L. – A sua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, mudou ao longo dos anos de arbitragem?

N.B. – *Com certeza!*

M.L. – O que você destacaria como mudança?

N.B. – [riso] Vou lhe dar um exemplo. Quando eu iniciei logo, que eu marcava uma falta passível de cartão, eu já saía com o cartão na mão. Já saía disparada. Hoje, eu faço diferente. Hoje eu apito, sinalizo a falta, faço todo o trabalho de montar a barreira, quando o atleta menos espera, eu vou desfilando meu cartão e aplico. Então ele não sabe se ele vai receber o cartão ou não. Ele acha que aquilo ali foi esquecido. Então, no primeiro momento

em que eu faço isso, todos se atentam que: “Oh, uma falta mais dura ela vai dá cartão. Por mais que você ache que não vai, ela tá ligada no jogo.” Hoje eu tenho uma forma mais suave de arbitrar. Quando iniciei era meio que grossa, sabe? Levava tudo na caixa dos peitos. Reclamação? Essas coisas eu não admitia. Hoje o atleta pode vim, falar comigo, fazer o questionamento dele sem problema nenhum. Eu o deixo falar, deixo ele desabafar sem nenhum problema. Ele não pode ser grosseiro, ele não pode infringir a regra, ele não pode vir me agredir verbalmente, mas um diálogo normal, hoje eu conduzo com bastante suavidade.

M.L. – Por que houve essa mudança no seu comportar-se diante da condução das partidas?

N.B. – Vivência, sabe? Vivência. Você vai vivendo, você vai percebendo que não adianta você ser tão ríspida, porque talvez tome outro rumo quando você vai muito... Levando tudo na caixa dos peitos. O jogo, ele toma outro rumo. Talvez fique um jogo mais ríspido, mas quando você vai suave, vem suave, entendeu?

M.L. – Nas literaturas, na nossa vivência enquanto árbitra, a gente sabe que até a década de 2000, as mulheres não poderiam arbitrar partidas. Elas eram anotadoras ou cronometristas. Em 2000, normatiza-se essa condução das árbitras das partidas de futsal. O que você acha dessa mudança? Como você percebe essa normatização da nossa entrada à quadra de jogo?

N.B. – Eu acho que... Eu penso, na verdade, que foi [silêncio] a melhor coisa que eles poderiam fazer: foi permitir a mulher arbitrar, porque nós temos a mesma capacidade que os colegas do gênero masculino. A gente conduz perfeitamente, ou até melhor, né, porque... Por a mulher ter uma sensibilidade, ser mais sensível, ela analisa o lance, a jogada. Ela interpreta de uma outra forma: é o olhar feminino. A entrada da mulher em quadra, como árbitra, conduzindo a partida, agregou força porque imagine, antes disso, quantas não queriam estar ali arbitrando. Estávamos limitadas ao espaço da mesa e a intenção, na verdade, era a quadra de jogo.

M.L. – Como você acha que essa mudança repercutiu dentro do futsal?

N.B. – Dôra, [silêncio]. O mundo abriu os olhos. As pessoas acordaram prá realidade. Nós podemos! Nós somos aquilo que a gente quiser.

M.L. – E como é a sua relação aqui dentro da Federação Bahiana?

N.B. – Perfeita! Não tenho problemas de relacionamento. Aqui a gente se respeita, a gente se aceita, a gente conversa muito e tira muitas dúvidas. Outro dia mesmo eu tava com David e ele comentou um lance que eu disse: nossa! É assim? Ele: “Oxe, Nadjara. Mudou!” Aí eu disse: mudou quando? Ele: “Ano passado.” Então eu faltei nessa atualização [risos]. Mas só que depois a gente conversando, tava falando a mesma língua, entende? Tava falando a mesma língua. Então você acaba que criando um vínculo de amizade com os colegas da Federação. Aqui existe a hierarquia, os mais velhos respeitam os mais novos e os mais novos têm que respeitar os mais velhos, porque tá todo mundo no mesmo barco, Dôra. Todo mundo aqui tá no barco da arbitragem. Se eu tiver no jogo com você, você errar, eu errei com você, porque eu tô com você, entendeu? Eu tô com você. A gente tenta manter esse padrão. Você pode ter feito a maior merda, mas eu tô com você e não abro mão disso.

M.L. – É uma equipe!

N.B. – *Com certeza!* Todo mundo no mesmo barco. Todo mundo remando [risos], entendeu? A gente consegue manter um relacionamento muito bacana aqui.

M.L. – E na Confederação, você percebe que é dessa mesma forma?

N.B. – Na Confederação, por ser pessoas de vários locais, a gente não ter tanta proximidade, não é tão igual aqui. Aqui é outra coisa. Aqui é uma família. Na Confederação você cria colegas. Algumas pessoas você se aproxima melhor, mas o que eu acho bacana, é que sendo Federação ou Confederação, a regra permanece. A regra é a mesma. Mesma forma que você arbitra com a Federação, quando você chega com os árbitros da Confederação, você vai fazer seu jogo. Você também vai fazer a mesma coisa. Você vai olhar pro colega, vai manter sua postura e você vai levar o jogo perfeitamente bem. E em relação à amizade, ao coleguismo, você realmente, você... Uma pessoa ou

outra você acaba criando vínculo de amizade, você se aproxima mais e é muita gente. É muita gente [riso]. Tem pessoas, por exemplo, que eu não conheço da Confederação. É *muita* gente! Então os mais próximos, quando você passa a conhecer... Quando você vai para alguma competição, chega lá você conhece, você cria aquele vínculo, troca mensagem e tal. Não existe ser igual à Federação. São mundos diferentes.

M.L. – E como é a tua relação com as árbitras da Federação?

N.B. – Ah! Irmandade praticamente [riso]. Não tenho o que falar das árbitras aqui não. Eu tenho uma relação muito bacana. Aqui, atualmente é eu, Tiara, você, Paula. As meninas do interior, a gente sempre mantém contato, sempre dá um oi, a gente sempre fala qualquer coisa, mas assim... A relação da gente, capital com interior, ainda é mais próxima do que com o quadro nacional. A gente pelo menos se vê uma vez no ano.

M.L. – No momento de atualização a gente tá junto.

N.B. – Quando é um período de atualização maior, tipo dois dias, um final de semana, a gente chega antes, chega sexta, aí vocês se enturmam melhor. Mas as meninas daqui, não tenho o que dizer não.

M.L. – Ao longo de tua trajetória, enquanto árbitra, você recebeu algum tratamento diferenciado por ser mulher?

N.B. – Dôra, [silêncio] [pensativa]. Sim!

M.L. – Poderia me contar qual foi?

N.B. – Sim. Eu cheguei numa certa competição e eu não me importo de entrar no vestiário dos meninos, trocar de roupa – até porque eu já vou quase pronta, né. Já venho meio que preparada porque se acontecer de não ter dois vestiários... Não tem isso, até porque existe muito respeito dos meninos para conosco. Eu cheguei em determinada competição e o rapaz tomou aquele susto: “Nossa! Tem uma mulher?”

M.L. – Competição estadual ou nacional?

N.B. – Estadual. “Nossa! Tem uma mulher?” Aí o colega disse: “Tem e é a chefe [riso]”. Ele ficou todo assim: “Ah! Eu vou arrumar outro local prá você, viu professora. Prá você se arrumar”. Eu disse: não, meu querido, não se preocupe não. Só tem um lugar? “É”. Não se preocupe não. É esse lugar mesmo que eu vou me trocar. Pode ficar tranquilo. Aqui todo mundo se respeita. Ele: “Não! A senhora tem certeza? Porque eu posso arrumar ali”. Não. Fique tranquilo.

M.L. – Esse rapaz era organizador desse evento?

N.B. – Sim. Ele era organizador do evento. E uma outra coisa que me chamou atenção nele foi o seguinte: quando ele me falava alguma coisa em relação ao jogo, tipo: “Você tem que exigir caneleira. Olhe, esse jogo é pegado!” Ele não se dirigia a mim. Ele se dirigia a Roque, sabe, como se não... “Ela é mulher. Ela é frágil. Ela não vai dar essa partida como ele.” Eu disse: não. Esse rapaz, ele tá confundindo as coisas. Aí começou o jogo. Quando ele viu o peso da arbitragem ao final da partida... Foram dois jogos. Eu fui pro primeiro e fui pro segundo, porém o segundo demorou um pouco mais de começar. Ao término da primeira partida, ele chegou prá mim e disse assim: “Eu estou lisonjeado com o que eu vi. Nunca tinha visto mulher arbitrando”. Eu disse: *nunca!* Ele: “Nunca.” Eu disse: semana passada vinha eu e outra, porém eu não pude porque eu tava trabalhando. Ele disse: “Não, mas semana passada eu não estava aqui. Me falaram que tinha uma mulher, mas eu não estava”. Ele disse: “Sim, e aqui quem é o chefe daqui dos quatro? Quem responde?” E novamente Roque disse prá ele: “Aqui quem responde é ela. Ela é Confederada”. E ele: “Ah, tá”. E você percebe que o tratamento é diferente por você ser mulher. Primeiro ele se preocupou em relação ao vestiário: “Como ela vai se trocar? Eu não esperava uma mulher.” E depois a preocupação dele em se dirigir ao árbitro homem como se a força fosse o homem. E o bacana é a gente chegar e fazer o trabalho muito bem feito. Eu sinto orgulho, sabia?

M.L. – E os dirigentes, os técnicos, como é essa relação?

N.B. – A maioria já conhece e respeita. Quando tem qualquer dúvida, que é aquela questão que eu volto novamente e lhe falo: todo mundo acha que conhece a regra e aí quando você faz alguma marcação que eles não compreendem, não sabem o que foi aquilo que você marcou... Hoje eu não tenho problemas com nenhum. Todos se dirigem de uma forma mais suave e com... Até com os colegas mesmo: “Pelo amor de Deus, o que foi marcado?” E aí você na sua educação, sua elegância, você vai lá e explica: isso, isso e isso... “Ah, eu não sabia.” E quando começa a reclamar, quando você percebe que o questionamento tá  *muito*, você já sabe o que é: não sabe a regra. Isso é fato. Quando começa a reclamar demais, você tenha certeza que não sabe a regra e aí você vai conduzindo, você vai conversando ou quando dê, dá uma explicada ou outra rápida assim; até porque prá arbitrar e ensinar é mais caro [risos].

M.L. – E a sua relação com os jogadores?

N.B. – Acabou de acontecer comigo sábado passado [riso]... O atleta fez uma falta, né. Eu acredito que ele seja mais velho que eu... Fez uma falta - até uma falta passível de cartão - e eu marquei, fiz todo o trâmite, posicionei a barreira e no final eu amarelei ele, adverti com o cartão amarelo. Ele virou prá mim e disse: “Poxa, minha tia, me desculpe.” Eu disse: Tia? [riso] Ele: “É uma forma de respeito”. Dessa vai passar, tudo bem. Na próxima não. Ele: “Tá bom. Desculpa. Vou chamar só de professora.” Então, não vejo Dôra, hoje... Já teve uma fase de meninos serem mais ríspidos, talvez prá intimidar; mas quando você mostra quem tá ali, o cenário é outro.

M.L. – E jogadoras?

N.B. – Jogadoras... Como eu falei anteriormente. É um tanto diferente. As meninas, talvez... Não sei se elas pensam assim: “Ah, por ser mulher tem que aliviar”. Sabe? Tem essa questão porque os meninos já sabem que a gente não vai aliviar nunca. Eu não sei se elas pensam dessa forma: “Ah! Mulher poderia aliviar.” Questionam demais, mas assim... Elas são... Agressão verbal, física, não. Elas respeitam também. Elas só reclamam mais. Eu não sei se é questão de querer talvez um apoio: “Ah, mulher tem que apoiar mulher.” Tem essa questão. Não tem para onde correr. Não sei se por conta disso elas se portam dessa forma, mas é diferente. As meninas quando você vai... Reclama! Às vezes ela nem lhe

chama de professora. Ela até lhe chama pelo nome. Se te conhecer pior. “Poxa, Nadjara, pelo amor de Deus, isso aí foi o quê?” Aí eu: Como? Peraí, pelo amor de Deus. Aí elas se tocam e já fazem uma outra analogia. Já lhe chamam de professora, já dão uma amenizada. É diferente. Quando você vai prá marcação dos meninos, eles já sabem que você está ali para mostrar serviço. Eles já recuam. As meninas já vão querer argumentar um pouco mais pra ver se cola.

M.L. – Em relação às torcidas, ao longo de suas vivências enquanto árbitra, quais são as manifestações mais comuns que você percebe?

N.B. – Rapaz, torcida é um problema [riso]! Um problema! Torcida é um problema porque assim... Assim como dirigentes, assim como atletas, a maioria não dominar a regra, imagine o torcedor. Porque a maioria dos torcedores, a regra que eles conhecem, é a regra do baba lá da rua e aí se apegam muito a regra do futebol de campo a ponto de questionar: a primeira falta do atleta, mas foi uma falta passível de cartão. Você vai lá e dá o cartão. “Pelo amor de Deus! A primeira falta dele e você dá cartão!” Eles não compreendem que o problema não é a primeira, a segunda, a terceira... Eles não compreendem que é o teor da falta, a pegada da falta. Eles não tão nem aí. Eles não entendem, não compreendem e questionam. E quando eles percebem que você está firme na sua marcação, está convicta no que você está fazendo, eles já recuam, já ficam mais maleáveis: “Professora, apitando certo. A senhora apita certo”. Então... Mas a maioria não é assim não, Dôra.

M.L. – Você já ouviu algum xingamento, algum...?

N.B. – Eu tenho duas mães [riso]: a de casa e a do jogo [riso], porque minha mãe sofre, a bichinha [riso]. De tudo! Tudo o quanto é nome que você imaginar, eu já ouvi. Tudo! Palavrões, xingamentos mesmo, de apontar, de torcida te segurar, entendeu? Ameaças: “quando terminar o jogo você vai ver! Tô aqui fora. Vou lhe pegar!” Muita coisa, né. Só que assim, ao longo do tempo, você vai amadurecendo, você vai se trabalhando prá que o que vem de fora não lhe atinja. Eu, eu sou assim. Eu não apito prá torcida. Ao longo dos anos eu fui amadurecendo e hoje, Nadjara, não apita prá torcida. Nadjara não apita prá técnicos. Nadjara não apita prá jogador. Nadjara tá ali prá apitar a regra.

M.L. – E você acha que esse tratamento da torcida com relação a você seria diferente se você fosse homem?

N.B. – Não. Não, porque eu vejo colegas passarem pela mesma situação. É geral. É geral. Às vezes, eu escuto tipo: “Isso não é coisa... Futebol não é coisa de mulher.” Aí quando você olha é alguma mulher comentando. É alguma outra mulher na torcida comentando isso. Isso é a opinião dela. Eu não me importo com as opiniões alheias. Que prá mim mulher faz o que ela quiser.

M.L. – Então você acha que o barreirismo, com relação à árbitra, é mais por parte das mulheres do que dos homens?

N.B. – Eu acho. Eu acho. A maioria dos questionamentos e das frases de preconceito, a maioria, eu afirmo a você que, às vezes, a gente olha prá ver de onde vem e você percebe que é de mulher. A maioria.

M.L. – No geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento e de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

N.B. – Dôra, no cenário que a gente se encontra hoje, eu acho que já não tem mais diferença não, porque as meninas estão num patamar, sabe. Igualou. Tem árbitras excelentes assim como árbitros, então hoje eu digo a você que nós, do quadro nacional, administramos qualquer jogo, qualquer jogo. Assim como os meninos também administram. A gente vai lá, dá qualquer jogo masculino. Os meninos vêm e dão qualquer jogo feminino. Prá mim hoje, em relação à arbitragem, não existe diferença mais não. Hoje as pessoas já aceitam. Porque assim, quando eu falo aceita, tipo, uma final de Baiano, quem vai estar ali é quem entende, é quem tem uma noção de regra. Tanto faz, mulher ou homem arbitrar. Se você é árbitro, se você faz um bom trabalho, você é respeitado. Agora, aquilo que eu digo, prá ser árbitra, tem que *gostar*.

M.L. – Já que você disse que esse reconhecimento e esse tratamento já é mais igualitário, ou que é até igualitário, ao que você atribui o número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

N.B. – Apoio. Apoio. Se você não tiver sua opinião formada, se não tiver dentro de você, você não segue. Porque se você não tem apoio... Eu, por exemplo, eu tive quem me apoiasse. Graças a Deus mainha sempre me apoiou porque era algo que estava dentro de mim, o futebol, o futsal. Eu amava aquilo que eu fazia. Então quando eu resolvi, quando eu resolvi ser árbitra, eu tive o apoio, mas eu conheço várias outras meninas que iniciaram e deixaram porque não tiveram apoio, entendeu? Porque não é todo mundo que suporta não, Dôra. Não é todo mundo que suporta não. Lutar prá chegar onde a gente chegou, não é todo mundo que tem essa força não.

M.L. – Você percebe alguma diferença, na condução das partidas, entre as árbitras do Nordeste e as de outros estados do Brasil?

N.B. – Dôra, são formas diferentes. Todo mundo tem uma maneira. Todo mundo... Todo ser humano amadurece de uma forma. Todo árbitro tem o seu jeito de arbitrar. Sempre haverá diferença, porque são lugares diferentes. A gente tem uma cultura, eles têm outra. O bom disso é que a gente consegue manter a regra. A regra é uma só. Mas eu acredito que... Pelo que eu já vi, minha vivência, eu acho que Nordeste tem um jeito mais suave de lidar, de conduzir. Eu acho que a gente tenta puxar mais pro lado do controle do jogo. A gente tenta puxar prá que não pegue fogo. A gente tenta acalmar o cenário. Acho que a gente tem... Acho que também pela maioria ser de educação, ser educador, a gente tem essa forma de trabalhar. Eu acho que um jeito mais calmo de interpretar porque interpretação cada um tem a sua. É uma coisa meio que complicada. Eu posso ter visto um pênalti, você pode ter interpretado de outra forma - foi um lance normal. Então acho que a gente hoje tem uma postura mais serena de tentar entender o que aconteceu.

M.L. – Como você define, hoje, ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

N.B. – [riso] Rapaz, se eu lhe falar, é *foda*, viu. É... Eu não tenho palavras para definir o sentimento de você ser árbitra. Você se consagra árbitra. De você ser reconhecida árbitra porque é uma história. Você não é só árbitra. Você tem uma história de arbitragem. Você tem uma história familiar. Você tem uma história de infância. E assim, e é uma *conquista*. É um troféu. Você ser árbitra, é você ganhar na loteria. Você só não tem o dinheiro, mas é

muito magnífico, é muito... Tô falando expressão *sentimento*. Tô falando o que eu sinto. Ser conhecida, passo na rua, as pessoas me conhecem: “Professora!”

M.L. – E quais seriam as maiores barreiras que você já enfrentou ao longo desses anos de arbitragem?

N.B. – Barreiras? As barreiras que eu enfrentei foram à questão do [silêncio]... Meu companheiro não aceitar, porque assim, é forte isso. Seu companheiro não lhe aceitar! Porque um *relacionamento* é algo muito sério. Um relacionamento é uma relação e aí o que é que acontece? Prá mim foi o mais forte, mas graças a Deus, eu consegui tirar de letra, né?

M.L. – Faria tudo de novo?

N.B. – Com certeza e dobrado [riso].

M.L. – Nadjara, tem algo que eu não tenha te perguntado, que a gente não tenha conversado, que você gostaria de relatar agora? Algum fato, algo importante, algo que te chama à atenção nesse cenário que a gente não trocou ideia?

N.B. – Dôra, o que eu acrescentaria é o seguinte: eu acrescentaria que muitas que querem ser árbitras, deveriam realmente encarar. Eu conheço muitas meninas que têm medo. Como eu disse antes e repito: você tem que ter peito. Você tem que gostar. Tem que gostar e assim, eu acho que deveria aumentar o número de árbitras. A gente precisa unir mais forças. A gente precisa ser mais vistas.

M.L. – De que forma isso poderia acontecer?

N.B. – As meninas entrando no mundo da arbitragem [silêncio]. Só isso!

M.L. – Eu gostaria de agradecer a Nadjara a sua imensa colaboração. Dizer de nossa alegria em tê-la como colaboradora da nossa pesquisa.

N.B. – Eu que agradeço e digo a você que estamos juntas. Somos colegas de arbitragem. Temos um vínculo de amizade muito bacana e temos uma paixão em comum: o futsal!

M.L. – Nad, muito obrigada!

N.B. – Obrigada a você, meu amor. Precisando de mim...

[FINAL DA ENTREVISTA]